

#### IV - *ESCREVER, O PRINCÍPIO DA PESQUISA*

Escrever é iniciar uma aventura que não se sabe onde nos vai levar; ou melhor, que, depois de algum tempo, se saiba não ser mais possível abandonar. Enquanto não chegarmos a isso de não conseguir mais deixar de escrever, não estamos ainda escrevendo para valer. Pesquisar também é isso. Mas no pesquisar o escrever está polarizado, persegue um tema preciso. Escreve-se à procura de um assunto. E quando se chega ao assunto, o escrever se faz pesquisar, sem que o assunto seja o mais importante. O que desde então importa é a disciplina de trabalho que ter um assunto impõe ao escrever; é a elaboração crítica de uma experiência que a pesquisa comporta, isto é, no dizer de Niels Bohr (:51;91), "uma situação em que possamos dizer aos outros o que fizemos e o que aprendemos".

Encareço essa citação de uma das mais autorizadas vozes da ciência atômica, uma ciência que, muito graças a ele, deixa de ser apenas a ciência dos *quanta*, isto é da individualidade do átomo, para se fazer ciência da complementaridade à busca de comunicar-se com as demais ciências. Mas encareço essa expressão de Bohr para ressaltar que não se faz ciência sem escrever: essa a forma de se comunicar com a comunidade científica. A comunicação oral, em congressos etc., tem duração momentânea e de curto alcance, além de que sempre se faz com o apoio de texto escrito, sem o qual não seria possível discipliná-la e conferi-la.

Mas na pesquisa o escrever se torna regrado, conduzido por intencionalidades precisas: a) a tematização, ou constituição do tema que se pretenda abordar, sob a forma de uma clara indagação feita à experiência que se vai conduzir, isto é, sob a forma de hipótese capaz de guiá-la de modo explícito e sistemático; b) a convocação de uma comunidade argumentativa; c) o desenvolvimento da interlocução de saberes no trabalho da citação sob a ótica da hipótese-guia e na forma de argumentação discursiva; d) nos passos

andados e na versatilidade do método, a afirmação de um estilo; e) um processo permanente de sistematização, validação discursiva e certificação social, que perpassa todos os momentos da pesquisa em causa; e) a apresentação clara e objetiva da pesquisa com vistas ao entender-se o pesquisador com seus possíveis leitores interessados.

### *A Constituição do Tema/Hipótese*

Ir-se à procura de algo diferente, guiado pelo desejo de encontrar o novo, o inusitado, o sequer por nós suspeitado, o original porque descoberta nossa, isso é pesquisar. Colocar o pesquisar sob o signo do desejo é colocá-lo sob o signo da carência e da falta, de uma necessidade não suprida, do imaginário como substituição e sublimação de um objeto por muitos possíveis, mediação que protela a plena posse, e onde se insere a astúcia industriosa, prudente e persistente da razão. Transforma-se o vago desejo em *conatus*, esforço contido e canalizado para a obtenção de determinado objetivo (Cf. Chauti:19-66), que, por ser determinado, estabelece um campo de investigação, isto é, de atenção distinta e demorada, persistente, a objeto privilegiado do desejo. É condição para a pesquisa uma dúvida precisa e bem determinada, o centramento em um delimitado tema.

Estabelecer um tema de pesquisa é, assim, demarcar um campo específico de desejos e esforços por conhecer, por entender nosso mundo e nele e sobre ele agir de maneira lúcida e consciente. Mas o tema não será verdadeiro, não será encarnação determinada e prática do desejo, se não estiver ancorado na estrutura subjetiva, corporal, do desejante. Não pode o tema ser imposição alheia. Deve-se ele tornar paixão, desejo trabalhado, construído pelo próprio pesquisador. Da experiência antecedente, dos anteriores saberes vistos como insuficientes e limitantes nasce o desejo de conhecer mais e melhor a partir de um foco concentrado de atenções. Não podemos tudo querer ao mesmo tempo. Muito menos podemos de fato querer o que não tem ligação com nossa própria vida, o que nela não se enraíza.

Pesquisar é buscar um centro de incidência, uma concentração, um pólo preciso das muitas variações ou modulações de saberes que se irradiam a partir de um mesmo ponto. Recordamos Michel Serres (:49) que o *kenrón* dos gregos traduz o centro do círculo, o ponto agudo que é também agulhão, acicate. Isso é o tema: centro donde irradiam, como na música, as variações do perquirir; do perscrutar ao redor, e incitamento, estímulo a prosseguir sempre porque assunto puxa assunto e o tema se esgota nunca.

É estimulante acompanharmos o itinerário do jovem Werner Heisenberg (:17-37), desde estudante secundarista, à procura de um "centro unificador" de suas conversas com os amigos e de seus próprios estudos. "Quanto mais eu ouvia, mais dolorosamente sentia a ausência deste centro." Para aprender o grego pusera-se ele a ler o *Timeu*, de Platão, onde lhe chamava a atenção a discussão filosófica sobre as partículas mais ínfimas da matéria, para cujas ligações apelava Platão às figuras geométricas, isto é, a formas matemáticas. Por isso, ao ingressar na universidade levava ele o propósito de estudar Matemática; mas, ao buscar orientação junto a um velho e ranzinza professor da área, foi convencido de que as matemáticas não eram para ele. Voltaram-se, desde então, seus intentos diretamente para a Física, não sem antes persuadi-lo seu novo orientador de que para construir um palácio era necessário começar por ser carroceiro. Para chegar ao estudo dos *quanta*, era necessário iniciar pelas noções básicas da física clássica. Seguindo desde então o curso ordinário dos estudos e frequentando seminários de especialização, chegava ele à conclusão de que, embora por caminhos difíceis e tortuosos, encontrara seu centro unificador no denso nevoeiro da física quântica.

Começamos de fato a pesquisar quando começamos a escrever a partir de um tema, assunto, hipótese, título - pouco importa. Os mestres mais sisudos dizem: tendo um claro objeto de pesquisa. O que importa, voltando à metáfora lá dos inícios de nosso primeiro capítulo, é saber que vislumbramos algo que nos pareceu um porco, mas com o risco prazeroso de, dum moito lá adiante, saltar outro bicho não menos interessante e ao encaixe dele nos lançarmos.

O assunto pode justificadamente mudar, o que não pode é deixar-se de ter um assunto em vista. Um assunto que, por outra parte, se já estivesse claramente estabelecido e explorado, não seria objeto de pesquisa. O que não se pode é deixar de cutucar as moitas. Não se busca o que já se tem, nem se descobre o que já se sabia. O tema da pesquisa é o objeto dela, justamente o que se procura. Nele não se afirma ou nega algo, apenas se enuncia uma hipótese à busca de verificar-se, ou não.

Por isso, a forma do tema na pesquisa não é forma de posição acabada, de juízo definitivo. É, sim, a forma da hipótese, isto é, de nova pergunta feita à experiência antecedente do conhecimento que se tem a partir de práticas desenvolvidas ou de leituras feitas. Pergunta precisa, formulada de maneira a poder conduzir explícita e sistematicamente à pesquisa. Toda pesquisa, nesse sentido, termina por ser obra de um especialista, isto é, como diz Heisemberg (:245), de "uma pessoa que conhece alguns dos piores erros que podem ser cometidos em sua área e sabe como evitá-los."

Resulta a hipótese da capacidade de inventar: um pouco de inspiração e muito de transpiração, isto é, da experiência de trabalho na área. À necessária sagacidade chega-se com a assidua leitura das próprias experiências, da observação de práticas várias e de leituras exploratórias de uma bibliografia condizente. Não se trata de fabricar artificialmente um referencial teórico amplo e acabado, que terminaria por funcionar como corpo teórico determinado e a si mesmo limitado. Nem se trata de mapear todo o campo empírico através de incursões amplas em que se coletariam materiais de difícil aproveitamento posterior.

Há uma descabida perda de tempo, de recursos e de rumos nisso de inventariar todos os possíveis caminhos, ler previamente todos os livros, armazenar indefinidamente dados e documentos, como se pesquisar fosse primeiro amontoar cacos, para depois tentar cimentá-los em obra completa. Acontece que quanto mais material se tem, mais difícil se torna de tanta coisa fazer resultar algo com o mínimo de unidade e coerência. Sob pena de conseguir iniciar nunca sua pesquisa não pode o pesquisador afogar-se previamente, ou embriagar-se de dados brutos e teorias abrangentes. Como diria Serres (:71,3,8):

"Que é preciso frequentar as bibliotecas, é certo; convém, com certeza, tornar-se erudito... E depois? Para que exista um depois, isto é, algum futuro que ultrapasse à cópia, saia das bibliotecas e corra para o ar puro" ... expõe-se ao sol, à sede, ao deserto. "A lição de Merimée mudará nossa vida: erudito, ele sai e não sai da biblioteca; ... mas, ao anoitecer, desce ao cais do rio, entre tanoeiros e operários ... Descobre sua origem corrente, enuncia o título e desenvolve a realização".

Transforma-se o tema em hipótese pela enunciação dele num título-síntese, posição exploratória, pretensão de verdade à busca de se validar, ou não, num discurso argumentativo. Enunciar uma hipótese é, portanto, ter uma proposta de encaminhamento do tema, uma perspectiva dos procedimentos heurísticos adequados; e é assumir o compromisso de ajuizar e considerar argumentos que confirmem ou infirmem a proposição enunciada. Deve, assim, o título contemplar tanto o tema, ou problema, aquilo que circunscreve, desafia e incita, quanto a forma de ele se enunciar como pretensão de saber posta em discussão.

O título/hipótese, porém, apenas enuncia uma expectativa difusa e generalizada. No momento de enfrentá-lo, mostra-se complexo o que parecia simples e unitário. Após todos os esforços no sentido de reduzir as pretensões iniciais de nosso tema a dimensões exigidas por um tratamento sistemático e aprofundado, surge o imperativo prático de estabelecer diferenciações, de distinguir partes que possam escalonar, ordenar a argumentação na seqüencialidade delas, de forma a saber-se por onde começar, por onde prosseguir e onde parar. Trata-se, então, de decompor o título em subtítulos, de ordenar o tema em subunidades temáticas coerentes, coesas, com densidade e significação próprias.

Os capítulos ou subunidades importa manterem a integridade temática da pesquisa ao distribuí-la em alguns campos nucleadores; em regra geral, não menos de três nem mais de cinco. Sem um mínimo de distinções internas o campo temático da pesquisa se apresentaria informe e confuso. Fragmentado em demasia, sacrificaria sua coerência interna, sua consistência orgânica, sua visibilidade.

O assunto pode justificadamente mudar, o que não pode é deixar-se de ter um assunto em vista. Um assunto que, por outra parte, se já estivesse claramente estabelecido e explorado, não seria objeto de pesquisa. O que não se pode é deixar de cutucar as moitas. Não se busca o que já se tem, nem se descobre o que já se sabia. O tema da pesquisa é o objeto dela, justamente o que se procura. Nele não se afirma ou nega algo, apenas se enuncia uma hipótese à busca de verificar-se, ou não.

Por isso, a forma do tema na pesquisa não é forma de posição acabada, de juízo definitivo. É, sim, a forma da hipótese, isto é, de nova pergunta feita à experiência antecedente do conhecimento que se tem a partir de práticas desenvolvidas ou de leituras feitas. Pergunta precisa, formulada de maneira a poder conduzir explícita e sistematicamente à pesquisa. Toda pesquisa, nesse sentido, termina por ser obra de um especialista, isto é, como diz Heisemberg (:245), de "uma pessoa que conhece alguns dos piores erros que podem ser cometidos em sua área e sabe como evitá-los."

Resulta a hipótese da capacidade de inventar: um pouco de inspiração e muito de transpiração, isto é, da experiência de trabalho na área. À necessária sagacidade chega-se com a assidua leitura das próprias experiências, da observação de práticas várias e de leituras exploratórias de uma bibliografia condizente. Não se trata de fabricar artificialmente um referencial teórico amplo e acabado, que terminaria por funcionar como corpo teórico determinado e a si mesmo limitado. Nem se trata de mapear todo o campo empírico através de incursões amplas em que se coletariam materiais de difícil aproveitamento posterior.

Há uma descabida perda de tempo, de recursos e de rumos nisso de inventariar todos os possíveis caminhos, ler previamente todos os livros, armazenar indefinidamente dados e documentos, como se pesquisar fosse primeiro amontoar cacos, para depois tentar cimentá-los em obra completa. Acontece que quanto mais material se tem, mais difícil se torna de tanta coisa fazer resultar algo com o mínimo de unidade e coerência. Sob pena de conseguir iniciar nunca sua pesquisa não pode o pesquisador afogar-se previamente, ou embriagar-se de dados brutos e teorias abrangentes. Como diria Serres (:71,3,8):

"Que é preciso frequentar as bibliotecas, é certo; convém, com certeza, tornar-se erudito... E depois? Para que exista um depois, isto é, algum futuro que ultrapasse à cópia, saia das bibliotecas e corra para o ar puro" ... expõe-se ao sol, à sede, ao deserto. "A lição de Merimée mudará nossa vida: erudito, ele sai e não sai da biblioteca; ... mas, ao anoitecer, desce ao cais do rio, entre tanoeiros e operários ... Descobre sua origem corrente, enuncia o título e desenvolve a realização".

Transforma-se o tema em hipótese pela enunciação dele num título-síntese, posição exploratória, pretensão de verdade à busca de se validar, ou não, num discurso argumentativo. Enunciar uma hipótese é, portanto, ter uma proposta de encaminhamento do tema, uma perspectiva dos procedimentos heurísticos adequados; e é assumir o compromisso de ajuizar e considerar argumentos que confirmem ou infirmem a proposição enunciada. Deve, assim, o título contemplar tanto o tema, ou problema, aquilo que circunscreve, desafia e incita, quanto a forma de ele se enunciar como pretensão de saber posta em discussão.

O título/hipótese, porém, apenas enuncia uma expectativa difusa e generalizada. No momento de enfrentá-lo, mostra-se complexo o que parecia simples e unitário. Após todos os esforços no sentido de reduzir as pretensões iniciais de nosso tema a dimensões exigidas por um tratamento sistemático e aprofundado, surge o imperativo prático de estabelecer diferenciações, de distinguir partes que possam escalonar, ordenar a argumentação na seqüencialidade delas, de forma a saber-se por onde começar, por onde prosseguir e onde parar. Trata-se, então, de decompor o título em subtítulos, de ordenar o tema em subunidades temáticas coerentes, coesas, com densidade e significação próprias.

Os capítulos ou subunidades importa manterem a integridade temática da pesquisa ao distribuí-la em alguns campos nucleadores; em regra geral, não menos de três nem mais de cinco. Sem um mínimo de distinções internas o campo temático da pesquisa se apresentaria informe e confuso. Fragmentado em demasia, sacrificaria sua coerência interna, sua consistência orgânica, sua visibilidade.

tes e do todo. Não se trata, é evidente, nem de empacar em definitivo à falta de horizontes, nem de saltar à frente sem antes tentar algumas conversas e buscas. O que agora não tem remédio remediado está. A solução buscá-la-emos depois.

É possível que, ao passar para o segundo tópico, já tenhamos modificado o título do primeiro, ou que devamos mudar o desse outro. Pode mesmo, em algum momento, ocorrer que tenhamos de modificar todo nosso sumário: os títulos dos tópicos, dos capítulos, da própria pesquisa. Sinais de vida, testemunhos de aprendizagens que exigem determinada processualidade baseada no que se aprendeu antes, errâncias à procura do ponto de chegada.

### ***A Convocação de uma Comunidade Argumentativa***

Cumprida a primeira tarefa de desenhar seu tema, ou o eixo central, a espinha dorsal, de sua pesquisa, cabe agora ao pesquisador convocar uma específica comunidade de argumentação em que se efetive o unitário processo de interlocução e certificação social de saberes postos à discussão em cada tópico a ser desenvolvido. Tendo os assuntos definidos, como requer uma pesquisa à diferença de possíveis outros escreveres, *conversar agora é preciso*. É o que nos diz Rorty (1988:138): "é uma questão de conversação, de prática social". Por sua vez, afirma Heisemberg (:7) que as conversas estão na origem da ciência e que os resultados dos experimentos dependem das conversas dos que na pesquisa trabalham. "Tais conversas constituem o conteúdo principal deste livro" (o dele: uma leitura, aliás, muito recomendável a quem queira entrar no ritmo do pesquisar o tempo todo, a vida inteira).

Percebendo-se a pesquisa como relação social argumentativa, em vez de relação com objetos ou verdades postas, e situando-se ela no espaço lógico das razões, nela os interlocutores trocam justificações de suas asserções ou outras ações (Cf. Marques, 1996a: 38). Mas a comunidade em que isso se pode realizar não é uma comunidade espontânea. Trata-se de comunidade especialmente convidada para o debate em torno de determinada temática. E quem

a convoca é o pesquisador, ele mesmo o primeiro convidado. Melhor seria dizer que quem convoca é o tema e os convidados são os nele interessados. Não pode, entretanto, a ação convocatória exercer-se senão por obra de quem a exerça; no caso da pesquisa, o dela responsável primeiro e nela mais diretamente interessado: o pesquisador.

Não é o pesquisador mero convidado, nem um simples articulador de conversas alheias, nem o árbitro de uma partida de futebol. O tema o chama às falas por primeiro. Não pode deixar de conversar consigo mesmo e com os outros. Não pode ele, aliás, conversar produtivamente com os outros, sem antes muito e o tempo todo conversar consigo mesmo. Queira ou não, estará a todo momento palpitando: pelo que é e pelo que pensa, pelo que aprendeu na e da vida, pelo que já conhece do tema e, sobretudo, por seu interesse em dele mais e melhor aprender, por seu compromisso social de assumir como seu o texto que vai produzir. Além de responsável jurídica e institucionalmente por sua pesquisa está o pesquisador assujeitado à estrutura dela, só por aí dela se fazendo seu jeito.

Aos outros interlocutores o pesquisador os vai convocar. Ou melhor: o tema através dele. Mesmo porque é a título e à medida que interessados no tema que comparecerão, por vezes mesmo que não explicitamente convidados. Não poderá o pesquisador estranhar quando, em dado momento, estiver metido na conversa alguém de cuja existência sequer suspeitara. O tema o convidou, e o tema comanda. O aspecto criativo e a originalidade da pesquisa estão justamente nisso de ouvir o que não se perguntou, até mesmo de quem não se conhecia.

A que título serão convidados esses outros interlocutores? A título da contribuição que se espera possam dar quer por suas vivências e práticas exercidas no campo empírico da pesquisa, quer pelo aporte teórico que se requer capaz de ampliar os horizontes do tratamento do tema. E haverá, também, os metidos à escuta. Não falam nem reagem, mas, por seu desafiador silêncio, prestam à escuta das falas a ponto de necessitar o pesquisador buscar segurança em alguém que os represente, que fale por eles. Veremos quem será esse representante dos interesses calados. Por hora,